



CURSO DE EXTENSÃO “INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS CRÍTICOS DA MATERNIDADE”: RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA

*EXTENSION COURSE “INTRODUCTION TO CRITICAL STUDIES OF MATHERHOOD”:
EXPERIENCE REPORT*

Luana Fontel Souza - Doutoranda em Linguística Aplicada, PIPGLA/UFRJ. E-mail: fontel@letras.ufrj.br

Amanda Escaleira da Costa - Licencianda em Pedagogia, UFRJ. E-mail: amandaedc@hotmail.com

Danulzia Gonçalves da Silva Vitorino - Licencianda em Letras-Português-Árabe, UFRJ.
E-mail: danulzia_vitorino@letras.ufrj.br

RESUMO

O presente texto tem como objetivo relatar a experiência obtida com o curso “Introdução aos estudos críticos da maternidade” realizado pelo projeto de extensão “Mães na Universidade: Acesso, Permanência e Progressão” da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 25 de maio a 27 de julho de 2021 que objetivou o estímulo a mulheres-mães universitárias a transformarem suas experiências maternas em possibilidades de escrita acadêmica. O curso foi realizado em nove encontros síncronos com suporte das plataformas *Google Classroom*, *WhatsApp* e aulas *online* via *Google Meet* com duração de três horas. Os encontros foram compreendidos como uma ação necessária devido a histórica evasão de mulheres-mães do ensino superior nas universidades públicas brasileiras e que encontraram no contexto da pandemia um agravamento de sua falta de orientação acadêmica para seguir com os estudos resultado da ausência de políticas públicas que resguardem sua permanência e progressão institucional. Esta ação nasceu como uma aposta na possibilidade de auxiliar essas mulheres a escreverem sobre suas demandas e reivindicações através de seus campos de estudo e dessa forma ter o referencial de base para buscarem transformar suas inquietações cotidianas em proposições científicas. Os encontros contaram com uma turma média de trinta e cinco mulheres com presença assídua que em sua maioria se autodeclaravam da classe trabalhadora e racializadas. Os trabalhos finais demonstraram a alta capacidade e empenho das participantes em desenvolver trabalhos no campo de estudos da maternidade crítica.

Palavras-chave: maternidade; universidade; extensão; ciência.

ABSTRACT

This document aims to report the experience obtained from the “Introduction to Critical Studies of Motherhood” course offered for the extension project “Mothers at university: Access,

Permanence and Progression” from Federal University of Rio de Janeiro from May 25 to July 27, 2021 that aimed to stimulate university women-mothers to transform their maternal experiences in academic writing possibilities. The course was held over nine synchronous meetings using Google Classroom and WhatsApp platforms and online classes on Google Meet lasting three hours. Meetings were understood as a necessary action due to the historic evasion of women-mothers from University education at Brazilian public institutions, they also found, during the pandemics, an aggravation of their lack of academic orientation so they could continue with their studies, this was the outcome of the absence of public policies to protect their permanence and institutional progress. This action emerged as a bet on the possibility of assisting these women to write about their demands and claims through their study fields and in that way obtain a base reference to seek a transformation of their daily concerns into scientific propositions. Meetings had on average thirty five women who attended classes regularly and most of them declared themselves as working class and racialized. Final works demonstrated a high capacity and commitment of the participants to develop works in the field of critical motherhood studies.

Keywords: motherhood; university; extension; science.

INTRODUÇÃO

Pensar inovação científica alinhada à inovação social, em especial no contexto de uma pandemia global, nos interpela a refletir sobre o fator humano que ainda tenciona possibilidades de resolução das demandas sociais através das ciências. Compreender que o fazer científico e a Universidade são compostos tanto por postulados experimentais e quantitativos quanto pela subjetividade de seus sujeitos e sujeitas é uma das principais interpelações de tempos tão instáveis.

Nesse esteio, o curso “Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade” foi pensado a partir das demandas produzidas/identificadas pelo projeto de extensão “Mães na Universidade: Acesso, Permanência e Progressão”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto supracitado busca, desde sua gênese, trabalhar reflexivamente com a trajetória interseccional e especialmente generificada que muitas vezes produzem interdições a mulheres que são mães no ambiente universitário.

Tais interdições, que se dissolvem em práticas da rotina acadêmica, acabam implicando diretamente na composição de um ambiente não-inclusivo. A partir disso, não se consegue comportar a multiplicidade da experiência psicossocial, seja por ausência de políticas, seja pela cultura intrainstitucional que ainda é pautada nos discursos da “maternidade enquanto empecilho” (MOLINA, 2006) à progressão de mulheres na sociedade.

Em face da necessidade de explorar diferentes formas de construir parcerias com mulheres mães no contexto da pandemia, nas quais os encontros subsidiados por projetos de extensão se tornaram exclusivamente *online*, o curso, cujo o presente relato aqui expõe, se realizou através do desejo (aliado a outras ações¹) de auxiliar mulheres que têm a maternidade como fonte de problematização científica.

¹O projeto de extensão “Mães na Universidade: Acesso, Permanência e Progressão” oferece com regularidade espaços onde são priorizadas as trocas de experiência sobre a maternidade, visando a construção de formas de acolhimento que não se restringem apenas a debates voltados para o âmbito acadêmico.

As cursistas presentes estavam em processo, principalmente, de transformar suas inquietações político-culturais sobre a maternidade em escrita de projetos de pós-graduação, *blogs*, trabalhos de conclusão de curso e demais formas de compreender e compartilhar suas necessidades e reivindicações. O curso gerou então uma possibilidade de adensamento intelectual nas pautas que, a nível de experiência sensível do mundo, já lhes eram bastante conhecidas e profundas, mas que, na escala acadêmica, poderiam se transformar em progressão institucional em suas respectivas áreas de estudo, objetivo principal da ação.

FAZENDO EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA DA COVID-19

Trabalhar com demarcadores de opressão como gênero, raça e classe na universidade já comporta em si uma série de dificuldades, pois acaba por evidenciar desigualdades que as políticas de assistência estudantil não dão conta e que a cultura, pela repetição dessas cenas, acaba camuflando como natural. Diante disso, como afirmam Fontel (2019) e Ribeiro (2016), a constituição de coletivos e redes de apoio torna-se uma necessidade latente de acolhimento para aquelas mulheres que não conseguem alcançar a completude de suas atividades no ensino superior devido, dentre outros fatores, ao cuidado dos filhos.

Dessa forma, como pensar em acolhimento diante do contexto de atividades remotas? Ou ainda, como pensar que um público composto por mulheres mães pudesse estar em condições psíquicas para um curso teórico neste momento de confinamento? Eram perguntas que assombravam o retorno das atividades universitárias e ressignificaram a forma com que estipulavam-se metodologias e propostas síncronas para encontros virtuais.

Apesar disso, as Instituições de Ensino Superior não pararam e seguiram reprogramando suas atividades em um formato de ensino de emergência, principalmente através de recursos que pudessem ser acessados via internet, corrobora Moreira *et al.* (2020). Os prazos para qualificação, defesas de Trabalhos de Conclusão de Curso (doravante TCCs) e processos seletivos também retornavam bem como a necessidade de conclusão de disciplinas. Em meio a essa situação, um fator era certo: havia uma demanda. E foi diante dela que o projeto resolveu apostar na realização de um curso que serviria de apoio para aquelas mulheres que desejassem – e pudessem –, uma vez na semana, encontrar-se para debater sobre o conceito/identidade materna e as opressões que se estendem ao seu redor.

Foram abertas então trinta vagas, um número que pudesse configurar uma quantidade de pessoas, na qual houvesse espaço e tempo para a audição de suas vozes, diferente de encontros *online* com muitas pessoas. No entanto foram recebidas mais de cem inscrições via *Google Forms*, confirmando o interesse do público, apesar do contexto remoto. Foi necessária uma seleção que circulou e deu preferência a discentes racializadas, mães e que estivessem interessadas em transformar o conceito de maternidade em escrita acadêmico-científica, especialmente quem estivesse nos primeiros passos, em face do curso ser de caráter introdutório. Deste número inicial foram selecionadas quarenta cursistas fixas, e abertas dez vagas avulsas por sessão. No decorrer do curso, o número de presentes oscilou entre trinta e cinco e quarenta pessoas por aula.

Devido a forma remota, foram recebidas inscrições de mulheres de diversas localidades do Brasil, possibilitando a troca de diferentes experiências culturais, no entanto, foi perceptível que as reivindicações obedeceram a uma regularidade que se estendeu a partir de demarcadores de diferenças como raça, classe e ausência de rede de apoio, principalmente.

Apesar disso, é necessário salientar que a pandemia da COVID-19 não trouxe nenhum benefício para a humanidade. É comum o discurso de que ela possibilitou, através de atividades *online*, a conexão com pessoas de diferentes localidades. No entanto, como explicam Vieira, Garcia e

Maciel (2020), esse movimento poderia ter sido engendrado sem ter-se perdido tantas vidas e sem ter-se submetido tantas mulheres a uma situação potencializada de violência doméstica; então essa conexão quando atravessada por esse pano de fundo não pode, de nenhuma forma, ser tomada como um elemento positivo.

COMPOSIÇÃO DA EMENTA

A ementa do curso, cujo excerto segue, foi composta de forma a contemplar diferentes possibilidades de exercício da maternidade através das seguintes temáticas: história da maternidade; maternidade e Universidade; antirracismo; transparentalidades; saúde mental; parto; sexualidade; e espaço urbano.

[Partindo] da perspectiva de que tanto essa identidade denominada “mãe” quando o próprio conceito de maternidade foi forjado através de projetos modernos que envolveram políticas de gênero, raça e classe, e devem, dessa maneira, terem sua história revisitada e suas proposições contemporâneas discutidas. Nesse esteio, pensar parentalidades e maternidades negras, indígenas, trans e demais experiências de cuidado que estão em conflito com instituições como a universidade e as ciências se torna uma tarefa urgente a um feminismo inclusivo, corporificado e autocrítico. (Trecho da ementa do curso)

Nos estudos que se debruçam sobre a maternidade, seja como conceito, identidade ou instituição², há uma regularidade operacional que começa esboçando sua historicidade, de forma a demonstrar como alguns estigmas considerados naturais são, na prática, resultado de intensas repetições ao decorrer da História no interior de estruturas culturais e institucionais que regulam as formas de conceber gênero, como nos traz a filósofa Judith Butler:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2003, p. 59).

Devido a necessidade de desconstrução de violências que dessa forma, parecem imutáveis ou ainda tributárias a um aspecto biológico, a primeira sessão do curso debateu sobre como é possível pensar a maternidade como histórica e política, refletindo assim sobre a possibilidade da desconstrução de postulados que promovam episódios de violência de gênero a mulheres mães.

Junto às leituras de cunho conceitual, também foram inseridas sugestões de artigos que utilizam as teorias em gênero e maternidade como referencial analítico de forma a exemplificar esse movimento em trabalhos já publicados e que puderam servir de guia para aquelas que estavam em fase de esboço de TCCs e projetos de pesquisa para pós-graduação.

No terceiro encontro, um dos mais participativos do curso, foram debatidas as questões referentes ao exercício da maternidade no ambiente acadêmico, pautadas nos estudos de Fontel (2019), o que acabou suscitando, nas presentes, a percepção de similaridades no o tratamento institucional recebido, seja na busca por direitos com docentes e secretarias, seja pela sensação de negatividade que se desenhava, uma vez interpeladas pela gravidez em meio a sua trajetória no ensino superior.

Houve ainda sessões que, subsidiadas pela concepção de interseccionalidade, de Collins e

²Segundo Michel Foucault (2002), ao pensar as sociedades disciplinares, as instituições seriam lugares onde se realizam a vigilância, o estabelecimento de normas e constante avaliação de sujeitos. Em uma das sessões do curso uma palestrante esboçou a possibilidade da maternidade ser vista como uma instituição, uma especulação de cunho experimental mas que pode vir a ser tomada como produtiva para a análise desse lugar social, se adensada.

Bilges (2016), fizeram pensar a questão **racial** como fator indispensável a ser discutido quando, uma vez racializadas, mulheres mães se encontram em situações que são atravessadas pelo racismo, bem como através do encontro sobre relatos de parto, os quais fizeram perceber o quanto o demarcador **classe** também implica em produção de sofrimento físico e psíquico.

Em uma das sessões mais densas e emocionantes, foi discutida a saúde mental da mulher mãe, pautada por Arrais e Azevedo (2006), e como tem-se trabalhado para restaurá-la de forma a produzir experiências compassivas da maternidade e apontar caminhos possíveis para frear suas desistências frente a seus projetos de vida.

Na última sessão de estudos intitulada “Movimentos de ocupação dos espaços por crianças”, foi debatido sobre como o espaço público recebe as crianças, o que impacta diretamente na possibilidade de circulação e permanência de mulheres mães na cidade e espaços de lazer, cultura e conhecimento como a universidade se estendendo a salas de aula, refeitórios e atividades de campo. Essa reflexão pode ainda colocar em perspectiva a inclusão necessária a estes espaços não só às crianças, mas também a pessoas com mobilidade reduzida e outras formas de existência psicossocial que se encontram embaçadas pela ausência de acessibilidade aos espaços, como pontou Aitken (2014).

Apesar de muito aguardada, infelizmente, devido a contratempos pessoais da ministrante, a sessão sobre transparentalidades e transmaternidades contemporâneas não aconteceu, ficando acordado de ser ofertada em novo momento oportuno. Houve ainda uma sessão que trabalhou com a temática da sexualidade e reprodução de forma a contemplar o *background* referente a interseção entre estudos de saúde materna a demandas da cultura que se debruçam sobre a experiência do maternar.

PALESTRANTES

As palestrantes convidadas trouxeram ao debate suas perspectivas acerca de seus trabalhos e militância na área dos debates de gênero e suas interseções. Foram professoras universitárias, graduandas, pós-graduandas, doulas e psicólogas que junto a ministrante do curso somaram experiências docentes para a sua condução resultando em um exercício valioso da interdisciplinaridade ao encontrar cursistas de diferentes áreas de conhecimento e atuação.

METODOLOGIA E DINÂMICA DOS ENCONTROS

“Trazer o/a estudante presente para a aula”, tornando-a horizontal e participativa, é um desafio para educadores e educadoras, seja presencial ou remotamente. No entanto, devido ao contexto atípico e inédito, foi e tem sido necessário um esforço para pensar métodos de ensino que viabilizem o diálogo e a possibilidade de escuta. Houve então uma tentativa de dividir a aula em três momentos: primeiro a exposição do tema do encontro pela ministrante ou através das palestrantes convidadas; posteriormente a exposição das comentaristas dos textos, previamente selecionadas em comum acordo; e por fim, uma roda de conversa onde as cursistas poderiam manifestar suas dúvidas e posicionamentos sobre o tema das sessões.

Na tentativa de alternar as possibilidades de presença, que deveria ser de 75% para fazer jus ao certificado emitido pela Pró-Reitoria de Extensão, foi acordado que os encontros seriam predominantemente síncronos, no entanto, compreendendo a dinâmica das mulheres mães na pandemia que cuidam de diferentes tarefas da vida cotidiana, segundo Silva *et al.* (2021), foi colocada a possibilidade de uma atividade de produção textual curta de trezentos caracteres onde a cursista faltante escrevesse sobre um dos textos da sessão a que se ausentasse para

computação de sua presença.

A turma, desde o primeiro encontro, se mostrou em sintonia com a proposta do curso, demonstrando interesse na temática e alinhando as reflexões propostas às suas próprias experiências de vida tanto na academia quanto fora dela. A maioria das mulheres cursavam graduação e mestrado, duas cursavam doutorado e uma estava como pré-vestibulanda. Apesar de estágios institucionais diferentes as aulas possibilitaram um diálogo produtivo e fértil acerca dos conceitos trabalhados.

Um dos pontos negativos, no entanto, extremamente compreensível, é que nem todas se sentiam à vontade para abrirem suas câmeras, no entanto, havia um diálogo aberto sobre o desconforto de mostrar os/as filhos/as que estavam frequentemente presentes nos momentos da aula. Em um dos encontros, as crianças subiram em sua mãe enquanto ela fazia seus apontamentos acerca da leitura da semana. Nessas cenas, era perceptível a empatia da maioria das mulheres presentes em situações como essa.

Ao pensar junto às proposições de Magda Soares (2003), ao trazer o conceito de letramento de maneira crítica, considera-se que a aprendizagem do sistema de escrita deve se dar aliada a possibilidade de seus usos sociais. A partir disso, e compreendendo a linguagem como uma forma de ação social, segundo Austin (1990), foi requerido um trabalho final que poderia se utilizar de diferentes formas de produção/expressão, dentre elas, texto escrito, entrevistas, relatos de experiência, desenho, colagem, postagens em mídias sociais e apresentações através de slides que trouxessem amalgamadas as discussões trabalhadas no curso. No tópico que segue, apresenta-se algumas dessas produções que aliadas a experiência em sala de aula virtual compõem os resultados do curso.

RESULTADOS E TRABALHOS FINAIS

Confluir experiências sensíveis e políticas que advêm de estadas complexas de mundo a uma ciência historicamente tributária, a ideias de imparcialidade e objetividade, historicamente produzidas por sujeitos privilegiados, não é uma tarefa simples para as mulheres. Nos trabalhos finais que compõem a memória do curso, a presença de uma escrita pautada na subjetividade e na criticidade atravessou todas as produções.

São produtos de debates que antecedem o curso e encontram-se com ele na defesa de um conhecimento científico, corporificado e localizado, segundo as ideias de Haraway (1995). Tais produtos compreendem que não é possível a composição de uma ciência que não seja, ainda que minimamente, permeada por posturas ideológicas da parte de seus pesquisadores e pesquisadoras. Nesse sentido, os estudos da maternidade, que se posicionam de maneira crítica, também fissuram uma certa imagem “do intelectual”, colocando, no caso aqui discutido, uma criança a seus cuidados – sem romantização, mas com inquietação e debate na luta por reconhecimento.

Diante dessa premissa, apresentamos, brevemente e a nível de comentário, dez trabalhos dos quarenta recebidos ao fim do curso (Fig. 1 a 10).

Figura 4 - Texto crítico aliado a referencial teórico: excerto do trabalho 4

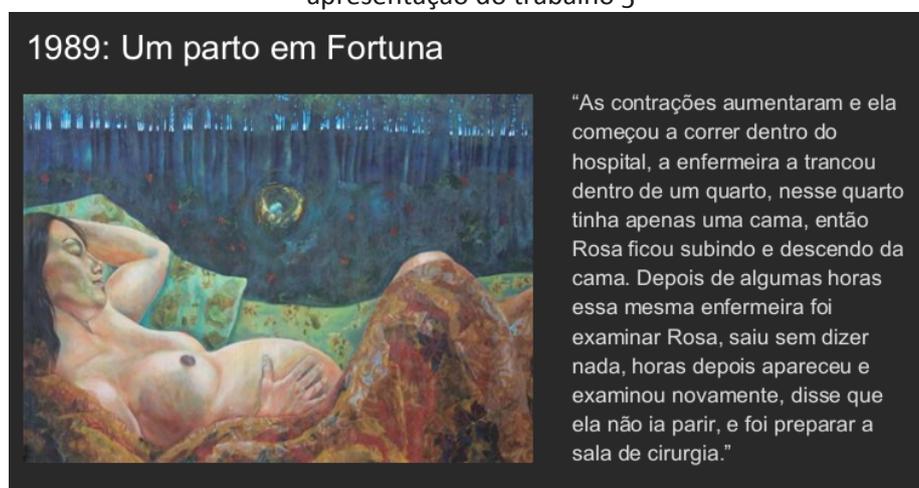
Creches e licença maternidade não são suficientes. É necessário apoio. Para ilustrar, podemos utilizar a frase de Silvia Federeci: "Aquilo que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago" – a autora marxista acredita que a desvalorização das tarefas domésticas permite o controle das mulheres. Portanto, a criação de políticas públicas é imprescindível para transformar tal contexto.

Fonte: Autoras

Nestes excertos, que fazem parte de dois trabalhos diferentes, há uma postura crítica de uma passagem da experiência materna aliada a embasamento teórico-analítico trabalhado no decorrer do curso. No primeiro excerto, alinhado à sessão “Por uma experiência antirracista da maternidade”, a autora discorre sobre a questão racial, demonstrando um posicionamento que coloca em evidência como o racismo deve ser considerado ao se pensar sobre as experiências de maternidade de mulheres negras.

No segundo excerto, a autora investe em uma teórica feminista marxista para refletir sobre as insuficiências das políticas públicas e redes de apoio que valorizem o trabalho doméstico e o distribuam de forma a não torná-lo exclusividade como dever feminino.

Figura 5 - Relatos de experiência sobre sua experiência com a maternidade. Trecho do slide da apresentação do trabalho 5



Fonte: Autoras

Acima temos um exemplo de trabalho final baseado no relato de uma experiência pessoal com a maternidade. Esse tipo de escrita é importante, pois abre a possibilidade de compartilhar episódios às vezes guardados e silenciados como violências obstétricas, simbólicas e físicas. Esse recurso pode nos ajudar a compreender melhor como essas violências ocorrem no cotidiano, para pensar possibilidades de combate e articulação de intervenções que freiem sua perpetuação.

Figura 6 - Relatos de experiência sobre o curso: excerto do trabalho 6

Todos os encontros foram pontuais e potentes. Alguns ficaram marcados pelas falas das cursistas, que criamos um carinho enorme com pessoas que só vimos por tela e moram tão longe. A elas, espero que encontrem a potência que possuem e que por vezes está escondida. Mais do que a possibilidade de falar, foi a possibilidade de serem ouvidas e acolhidas, e concluo com a certeza de que todas foram contempladas.

Fonte: Autoras

Figura 7 - Relatos de experiência sobre o curso: excerto do trabalho 7

Ao final dessa aventura fascinante que foi participar desse curso, eu saio fortalecida, com uma definição de um projeto para um mestrado que eu ainda não sei como e onde irei fazer, já que preciso estudar uma língua estrangeira, mas que terá como tema direitos humanos das mulheres, perpassando pelo tema do texto hierarquias reprodutivas (maternidade voluntária, segura, socialmente amparada e prazerosa) que tem tudo a ver com a garantia da saúde mental da mulher.

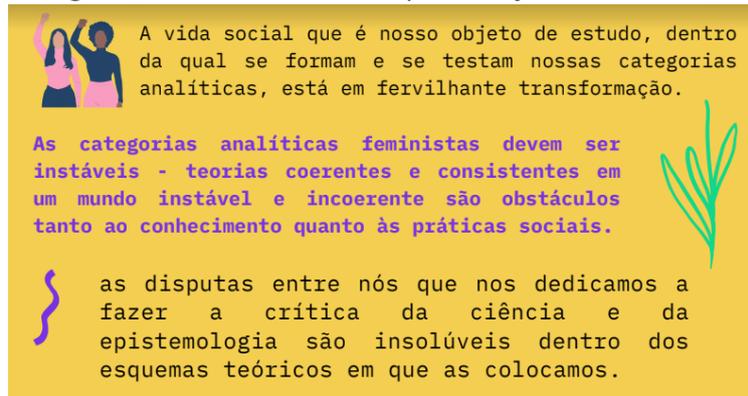
Fonte: Autoras

Nesses dois excertos, as cursistas trazem sua experiência em relação ao curso em si. A primeira discorre sobre aspectos positivos dos encontros, projetando desejos de continuidade às colegas. Essa postura discursiva se estendeu durante toda a ação, onde mulheres se direcionavam umas às outras através de palavras de acolhimento e fortalecimento.

No segundo excerto, há a materialização de um dos objetivos iniciais do curso no âmbito institucional: possibilitar um diálogo que instigasse as cursistas a progressão nos estudos acadêmicos. Nesse esteio, também foram realizadas sete orientações acadêmicas individuais daquelas que desejaram conversar especificamente sobre a condução de seus trabalhos na área dos estudos da maternidade de viés crítico.

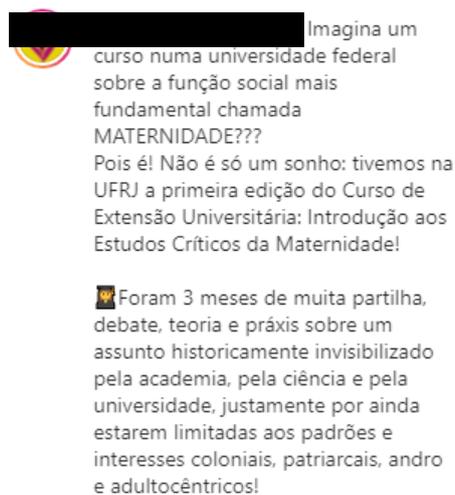
Figura 8- Trecho do slide da apresentação do trabalho 8

Fonte: Autoras

Figura 9 - Trecho do slide da apresentação do trabalho 9

Fonte: Autoras

Essas duas imagens foram tiradas de dois slides produzidos para a aula final do curso. O primeiro slide trouxe alguns trechos de leituras e reflexões das temáticas abordadas, e o segundo fez uma ligação com a epistemologia feminista esquematizando uma apresentação pautada no ponto de vista filosófico.

Figura 9 - Postagens em mídias sociais: trecho de postagem do trabalho 9

Fonte: Autoras

Figura 10 – Postagens em mídias sociais: trecho de postagem do trabalho 10

Fonte: Autoras

Considerando que as mídias sociais também têm fornecido espaço para a divulgação científica e das atividades das universidades, ocupar as redes tem sido uma forma de exteriorizar as atividades de extensão possibilitando que outras pessoas as acessem. Desta forma, nos exemplos acima, as cursistas produziram uma sequência de postagens na rede social *Instagram*. A primeira sobre o curso e a segunda sobre um dos textos sugeridos na sessão “Maternidade e Saúde Mental”.

TRABALHO 11: ENTREVISTA

Por fim, uma das cursistas elaborou uma entrevista com sua própria mãe. Um escrito inédito, se considerados os entraves éticos da composição de trabalhos acadêmicos que versam sobre a preservação das sujeitas de pesquisa, mas que aqui encontraram a liberdade, ainda que pontual, de se materializar na fronteira que aparta subjetividade e produção científica crítica. Devido ao ineditismo, segue a introdução do trabalho supracitado resguardando a identidade das envolvidas sob pseudônimos:

RESGATE & RECONHECIMENTO

Por Carolina Maria, para o Curso de Extensão “Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade” pelo Projeto Mães na Universidade da UFRJ.

Lembro de me inscrever nesse curso pensando que deveria ser a minha mãe a se inscrever, mas que ela não teria tempo suficiente. Seu nome é Lélia e entre as décadas de 1990 e 2010 iniciou três formações, que foram interrompidas pelas adversidades de ser mãe solo de dois. Foi em Licenciatura em Física pela Unesp de Guaratinguetá que fui concebida, em Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Interlagos que meu irmão do meio foi concebido, e em Bacharel em Ciências da Computação sua penúltima tentativa. Hoje com 46 anos, depois do terceiro filho, esse com 11 anos, portador de epilepsia e possivelmente TEA, ela cursa Tecnólogo em Gestão Hospitalar pela Faculdade Anhanguera, realizando também uma Iniciação Científica e uma Pós-Graduação. Tendo eu Carolina interrompido o Ensino Médio aos 16 anos, e retomado os estudos agora com 25, também mãe solo de dois, almejando cursar Ciências Sociais na USP, a tenho como maior fonte de inspiração e força. Cada tema abordado pelo presente curso me remeteu a diferentes memórias sobre ela, me causou reflexões que só foram possíveis através de uma lente onde ela está de alguma forma muito presente. Fazer esse resgate cronológico, entrevistando-a - via áudio de Whatsapp - sobre sua experiência materna-acadêmica foi fundamental para escancarar a questão que impacta profundamente nossas vidas nesse momento: a lacuna da discussão da neurodiversidade na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a integração dos debates realizados na Universidade com o público externo é sempre um desafio que envolve reflexões acerca do acesso a um tipo de metodologia predominante nos círculos acadêmicos. Outro desafio é construir espaços de saberes compartilhados que pensem a horizontalidade como premissa constitutiva de resultados coletivos. No curso aqui discutido, algumas barreiras históricas e que compõem a relação entre Universidade e seus sujeitos e sujeitas encontraram momentos de ruptura. Esse movimento foi possível especialmente pelo nivelamento entre subjetividade e produção científica, um encontro que tem desarticulado formas endurecidas de se produzir saberes acadêmicos implicados com as demandas sociais.

REFERÊNCIAS

- AITKEN, Stuart. Do apagamento à revolução: o direito da criança à cidadania/direito à cidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul.-set., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v35n128/0101-7330-es-35-128-00675.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.
- ARRAIS, Alessandra; AZEVEDO, Katia. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.
- AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.
- FONTEL, Luana. **Mães na universidade: performances discursivas interseccionais na graduação**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p.07- 41, 1995.
- MOLINA, María Elisa. Transformaciones histórico culturales del concepto de maternidad y sus repercusiones em la identidad de la mujer. **Psykhe**, v.15, n.2, p. 93-103, 2006.
- MOREIRA, J. Antônio; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, p. 351-364, 2020.
- SILVA, Juliana M. S. *et al.* A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, v.8, n.3, 2021.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RIBEIRO, Flavia G. **Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2016.
- VIEIRA, Pamela R.; GARCIA, Leila P.; MACIEL, Ethel L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Rev. Bras. Epidemiol.** v. 23, p.E200033, 2020.

Data de recebimento: 19/09/21

Data de aceite para publicação: 09/12/21